



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

Faixa do agrião

Não existe nada mais saliente que a desobediência civil. Prova é a faixa central do calçadão da Rua da Praia, que deveria ser liberada apenas para carros a serviço do público, mas que foi tomada pelos veículos dos aplicativos de comida e particulares. O pedestre é quem precisa tomar cuidado, não os irresponsáveis tripulantes de veículos e pintacudos de patinetes elétricos. Que deles Deus nos livre e guarde.

FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC



A República dos delinquentes

Há algo de podre no reino da Dinamarca, diz o personagem Marcelo na peça Hamlet, de Shakespeare. Tire o país nórdico e bote o Brasil. Não passa dia sem que se leia sobre algum tipo de trampa pública misturada com privada envolvendo agentes do governo e instituições que outrora eram virgens no decoro. Como se tivesse havido distribuição maciça de canetas emagrecedoras de caráter.

A República dos delinquentes II

A parte da população de menor poder aquisitivo parece se contentar com os mais diversos programas sociais do governo e parte nem mais procura emprego porque isso lhes basta. A classe média, o que sobrou dela, aperta os cintos porque é o esporte que mais tem feito, enquanto dribla as gôndolas dos supermercados. O poder aquisitivo rasteja e, não nos enganemos, ao ler sobre as falcaturas diárias parcela se pergunta como faz para entrar numa dessa.

A República dos delinquentes III

A moral nesta República de delinquentes está em recuperação judicial a caminho da falência. Todos querem levar vantagem sempre e em tudo, poucos jogam limpo contigo. É nesta amarga condição que nos preparamos para votar mais uma vez, plantando esperanças na urna e colhendo desenganos.

Correção

O nome correto do leitor que sugeriu mudanças no plantio de árvores e colocação de postes, na coluna de quinta-feira, é Bento Luiz Serraglio.

Abra sua conta PJ.

Conte com todas as linhas de crédito do BNDES para a sua empresa.

- Ampla variedade de soluções
- Linhas para empresas de todos os portes
- Taxas atrativas e prazos estendidos.

Sicredi
Sicredi Origens RS

HISTORINHA DE SEXTA

A era Minuano

A morte do empresário João Jacob Vontobel, aos 97 anos, me lembrou como esse teimoso ganhou a guerra dos refrigerantes nos anos 1960 e 1970. Já no final dos anos 1950, os Vontobel lançaram mel em embalagem de cartolina encerade, novidade na época. Depois, lançaram o doce de leite Mu-Mu, um prodígio de vendas. O marketing usado merecia um Nobel de esperteza. A empresa colocou, ao longo das rodovias, placas simples de madeira com o nome da cidade mais próxima, acrescido dos dizeres "Aqui tem Mu-Mu". Mumu virou sinônimo de facilidade, moleza.

No tempo em que a Expointer era realizada no terreno da Secretaria da Agricultura, na Getúlio Vargas, praticamente não havia bancas de lanches - mas o Mumu estava presente como recheio de churros.

João lançou o refrigerante Minuano Limão em garrafas de 500ml e 1 litro. Sucesso absoluto. Nas lancherias e restaurantes populares era comum pedir um copo (300ml) desta bebida. Um detalhe: não havia copos plásticos na época, todos eram de vidro. Desbancou a Pepsi Cola, então o refrigerante cola mais vendido. A Pepsi alcançou o sucesso graças a um marketing agressivo do português Comendador Heitor Pires. Dizia-se que a Pepsi vendia mais que a Coca só em duas cidades: Porto Alegre e Nova York, em alusão à maior acionista, a atriz Joan Crawford.

O Comendador tinha tino para negócios. As tampinhas de Pepsi davam prêmios em dinheiro e direito a beber outro de graça, bastando raspar a cortiça que revestia a parte interna. De certa forma, foi assim que começaram as raspadinhas. Mas o pulo do gato do português foi usar o futebol. O clube cujos torcedores juntassem mais tampinhas de Pepsi, ganhava um ônibus especialmente construído para as viagens dos jogadores. Ganhou o Aymoré, de São Leopoldo. E uma das tampinhas trazia a figura de um Fuca, como se pronunciava na época. O VW era o sonho de consumo dos gaúchos. Surgiu até uma piada. Depois que deram o carro para o felizardo, apareceu um sujeito com outra tampinha premiada com o desenho do fusca. Um artista da fraude reproduziu com tal perfeição que a companhia pensou em dar outro carro para evitar processo e desgaste de imagem. Foi então que alguém olhou do outro lado: era uma tampinha de cerveja Brahma.

Cabe um resgate dos hábitos dos porto-alegrenses nos anos 1960: nas refeições bebia-se refrigerante em copo, uma taça de vinho ou um copo de leite. Parece estranho hoje, mas bebia-se mais leite na época, puro ou em forma de "batidas" de banana, mamão, maçã ou abacate, a preferida. Também era comum beber uma taça de vinho no almoço; um que vendia barbaridade era o Clarete, uma espécie de vinho tinto com pretensão a rosé, que ficou no meio do caminho.

Anos depois, em 1963, Vontobel passou a engarrafar a Coca Cola, que retomou a liderança neste setor.

Outro refrigerante lançado por João Jacob foi o Grapette sabor uva. Era extremamente adocicado, mas tinha seus adeptos. Outro produto foi o Laranjinha, menos doce, criado para brigar com o multinacional Crush. O segredo era o retrogosto - o sabor amarginho no fim, no que o Crush era craque. Vendia mais no eixo Rio-São Paulo.

O falecido decididamente sabia enveredar pela rota do sucesso.

Coloque sua rotina de saúde no ritmo certo

Dia Mundial do Coração



No dia 29/09, venha aferir sua pressão arterial gratuitamente no PanVel Clinic.

Veja onde:



PanVel A rotina que faz bem

Apoio:
biolab FARMACÊUTICA
Libbs

AstraZeneca